



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ASSIDIA MARIA SOARES ALVES

**A VARIAÇÃO LEXICAL E SOCIOLINGÜÍSTICA, A PARTIR DO LATIM NA
CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O SEU PAPEL NAS
PRÁTICAS DE ENSINO: UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DO
ENSINO MÉDIO**

CAJAZEIRAS - PB

2021

ASSIDIA MARIA SOARES ALVES

**A VARIAÇÃO LEXICAL E SOCIOLINGUÍSTICA, A PARTIR DO LATIM NA
CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O SEU PAPEL NAS
PRÁTICAS DE ENSINO: UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2021

A474v Alves, Assídia Maria Soares.
A variação lexical e sociolinguística, a partir do latim na construção da língua portuguesa e o papel nas práticas de ensino: um olhar sobre o livro didático do ensino médio /Assídia Maria Soares Alves. - Cajazeiras, 2021.
48f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCG/CFP, 2021.

1. Língua latina. 2. Variação lingüística. 3. Latim clássico.
4. Latim vulgar. 5. Ensino de língua portuguesa. 6. Sociolinguística. 7. Livro didático - análise. I. Silva, Abdoral Inácio da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

BS/CFP/UFCG

CDU – 811.124

Fichacatalográfica elaborada na fonte pela Bibliotecária-Documentalista Denize Santos Saraiva Lourenço - CRB15/046

ASSIDIA MARIA SOARES ALVES

**A VARIAÇÃO LEXICAL E SOCIOLINGÜÍSTICA, A PARTIR DO LATIM NA
CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O SEU PAPEL NAS
PRÁTICAS DE ENSINO: UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em 08/10/2021

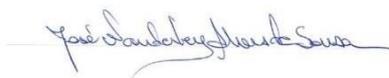
Banca Examinadora:



**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)**



**Prof.^a Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCG – Examinadora 1)**



**Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade, por me guiar e me ajudar a vencer os desafios até aqui. Confesso que não foi fácil, recordo-me das vezes que pensei em desistir, mas Ele nunca soltou a minha mão.

À minha família, em especial, a minha filha, que me acompanhou desde o início dessa jornada.

Ao meu marido, que me apoiou desde o início. Lembro que no dia de realizar a matrícula, ele quem realizou por mim, pois eu estava em trabalho de parto.

À minha mãe, que se dispôs a me ajudar com minha filha para que eu pudesse realizar o meu sonho.

Não poderia deixar de agradecer também aos professores do curso, cada um me proporcionou conhecimentos que vão além do necessário para a formação profissional. Em especial, quero agradecer ao meu professor e orientador Abdoral Inácio da Silva, que com sua história me ensinou que os sonhos são possíveis e que independentemente de qualquer coisa, quando é para acontecer, vai acontecer, o importante é nunca desistir. É maravilhoso viver o propósito de Deus em nossas vidas!

“Por fim, muito obrigada a todos que fizeram parte desta caminhada”

RESUMO

Desde a origem da língua latina até o surgimento das línguas neolatinas, a língua portuguesa passou por diversas modificações. Portanto, o trabalho com a variação lexical em sala de aula, pelo viés sociolinguístico, a partir do estudo evolutivo da língua portuguesa, possibilita um ensino mais coerente e uma maior compreensão acerca dos fenômenos presentes na linguagem. O objetivo geral deste trabalho é evidenciar a importância de trabalhar em sala de aula o conceito de variação linguística, pelo viés lexical e sociolinguístico, a partir do latim. Fazendo um percurso pela história e evolução da língua portuguesa a fim de compreender o fenômeno de variação linguística e desmitificar o conceito de “certo” e “errado” imposto na língua. Para tanto, como objetivos específicos, iremos analisar como a variação lexical é trabalhada no livro didático, *Se Liga na Língua*, do 1º ano do ensino médio, dos autores Ormundo e Siniscalchi (2016), em seguida, desenvolver uma proposta de atividade para o ensino de variação linguística, que aborde o tratamento da variação lexical, pelo viés sociolinguístico ligado diretamente com a construção da língua portuguesa, a fim de desenvolver um aprendizado mais reflexivo. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas as seguintes referências como embasamento teórico: as contribuições de Cardoso (s/d), sobre a formação histórica lexical da língua portuguesa, Labov (2008), sobre os padrões sociolinguísticos, Assis (s/d), sobre a história da língua portuguesa, Bagno contribuindo com a gramática histórica (2007) e Basílio, sobre a teoria lexical (2016). A metodologia utilizada foi uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois foram utilizados materiais já publicados, como livros, teses e artigos científicos. A partir desta pesquisa exploramos o percurso evolutivo da língua latina até o surgimento das línguas neolatinas e os aspectos da variação lexical e sua contribuição para a construção da língua portuguesa. Possibilitando, desenvolver, com isso, uma nova perspectiva de ensino, voltada para o trabalho com a variação linguística, a partir das variedades lexicais que construíram a língua portuguesa, para que assim, seja cessado a ideia de certo e errado na língua.

Palavras-chaves: Língua latina. Léxico. Variação linguística. Ensino.

ABSTRACT

From the origin of the Latin language to the emergence of the Neo-Latin languages, the Portuguese language underwent several modifications. Therefore, working with lexical variation in the classroom, from a sociolinguistic perspective, based on the evolutionary study of the Portuguese language, enables a more coherent teaching and a greater understanding of the phenomena present in language. The general objective of this work is to elucidate the importance of working on the concept of linguistic variation in the classroom, from a lexical and sociolinguistic perspective, starting from Latin. Taking a journey through the history and evolution of the Portuguese language in order to understand the phenomenon of linguistic variation and demystify the concept of “right” and “wrong” imposed on the language. Therefore, as specific objectives, we will analyze how lexical variation is worked in the textbook, *Se Liga na Língua*, from the 1st year of high school, by the authors Ormundo and Siniscalchi (2016), then develop an activity proposal to the teaching of linguistic variation, which addresses the treatment of lexical variation, through a sociolinguistic bias directly linked to the construction of the Portuguese language, in order to develop a more reflective learning. For the development of this research, the following references were used as theoretical basis: the contributions of Cardoso (s/d), on the lexical historical formation of the Portuguese language, Labov (2008), on the sociolinguistic patterns, Assis (s/d), on the history of the Portuguese language, Bagno contributing to historical grammar (2007) and Basilio to lexical theory (2016). The methodology used was a bibliographic research, as previously published materials were used, such as books, theses and scientific articles. From this research we explore the evolutionary path of the Latin language until the emergence of neo-Latin languages and the aspects of lexical variation and its contribution to the construction of the Portuguese language. Enabling, with this, to develop a new teaching perspective, focused on working with linguistic variation, starting from the lexical varieties that built the Portuguese language, so that the idea of right and wrong in the language is end

Keywords: Latin language. Lexicon. Variation. Teachi

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – século X-VII a.C.....	11
Figura 2	- Mapas da expansão do império romano.....	12
Figura 3	- Mapa da Península Ibérica antes da chegada dos romanos.....	23
Figura 4	- Mapa da Península Ibérica durante o domínio romano.....	25
Figura 5	- Mapa da Península Ibérica com a invasão dos bárbaros.....	28
Figura 6	- Mapa da invasão árabe na Península Ibérica.....	29
Figura 7	- Capa do livro didático.....	36
Figura 8	- Sumário de linguagem.....	37
Figura 9	- Língua e variação linguística.....	38
Figura 10	- Variação e usos.....	39
Figura 11	- Uso das variações linguísticas.....	41
Figura 12	- Esquema da sequência didática.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Declinações do latim clássico	17
Quadro 2-	Sistema vocálico do latim clássico, vulgar e português	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA	10
2.1 LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR	14
3 IMPÉRIO ROMANO E PENÍNSULA IBÉRICA	22
3.1 EVOLUÇÃO DO LATIM E AS VARIANTES LEXICAIS	26
3.2 LÍNGUA, LINGUAGEM E VARIAÇÃO	30
3.3 SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	32
4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	36
4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A variação lexical é um aspecto importante na construção, evolução e compreensão de uma língua. De acordo com a evolução histórica da língua portuguesa, por exemplo, o léxico se modifica, e essa modificação acontece com a finalidade de atender aos aspectos das variações exigidas pela sociedade, para que assim, possa existir uma comunicação. Logo, desenvolver uma pedagogia que aborde a variação, a partir da evolução histórica do léxico, permitirá que os alunos possam compreender, de forma mais eficiente, que a variação de uma língua vai além de questões sociais, educacionais e regionais, mas também é uma questão histórica.

Desenvolver uma prática pedagógica que aborde esse fator histórico da língua portuguesa, possibilitará aos discentes uma nova perspectiva acerca da variação linguística, fazendo referência a ela como algo essencial à língua e ao ensino. Considerando que a língua está em constante evolução e que as mudanças e variações no seu léxico são inerentes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados os seguintes aportes teóricos: as contribuições de Cardoso (s./d.) sobre a importância do léxico na construção da língua e a disseminação da língua latina nos territórios conquistados pelo império romano; Labov (2008) e a importância da sociolinguística variacionista; Assis (s./d.) contribuindo sobre o latim clássico, vulgar e o percurso de expansão territorial do império romano; Bagno (2007) em relação à construção do latim clássico; Martins (s./d.) acerca da construção do latim vulgar e Basílio (2016) com suas contribuições sobre a importância da variação lexical. Fazendo uso ainda dos documentos norteadores de ensino, tal como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para analisar a abordagem sobre o conteúdo de variação lexical. E por fim, o livro didático *Se liga na língua* Ormundo e Siniscalchi (2016).

Visto a necessidade de ampliação dos estudos sobre o processo de variação linguística, para desmitificar o conceito de “certo” e “errado” na língua, que ainda existe na sociedade, esse trabalho tem por objetivo geral evidenciar a importância de trabalhar em sala de aula o conceito de variação linguística, pelo viés lexical e sociolinguístico, a partir do latim. Fazendo um percurso pela história e evolução da língua portuguesa a fim de compreender o fenômeno de variação linguística e

desmitificar o conceito de “certo” e “errado” imposto na língua. Como objetivos específicos, iremos analisar como a variação lexical é trabalhada no livro didático, *Se Liga na Língua*, do 1º ano do ensino médio, dos autores Ormundo e Siniscalchi (2016), em seguida, desenvolver uma proposta de atividade para o ensino de variação linguística, que aborde o tratamento da variação lexical, pelo viés sociolinguístico ligado diretamente com a construção da língua portuguesa, a fim de desenvolver um aprendizado mais reflexivo.

A metodologia é qualitativa e de cunho bibliográfico, pois selecionamos materiais já publicados em livros, teses e artigos científicos, para estudarmos o percurso evolutivo da língua latina até o surgimento das línguas neolatinas e os aspectos da variação lexical e sua contribuição para a construção da língua portuguesa.

Refletindo sobre o aspecto, de como a variação lexical e sociolinguística é abordada no livro didático do 1º ano do ensino médio, levando em consideração a importância de trabalhar a variação linguística, pelo viés sociolinguístico, em sala de aula. Possibilitando aos alunos uma maior compreensão acerca do processo de variação linguística e uma nova percepção sobre as variedades linguísticas que estão presente no dia a dia.

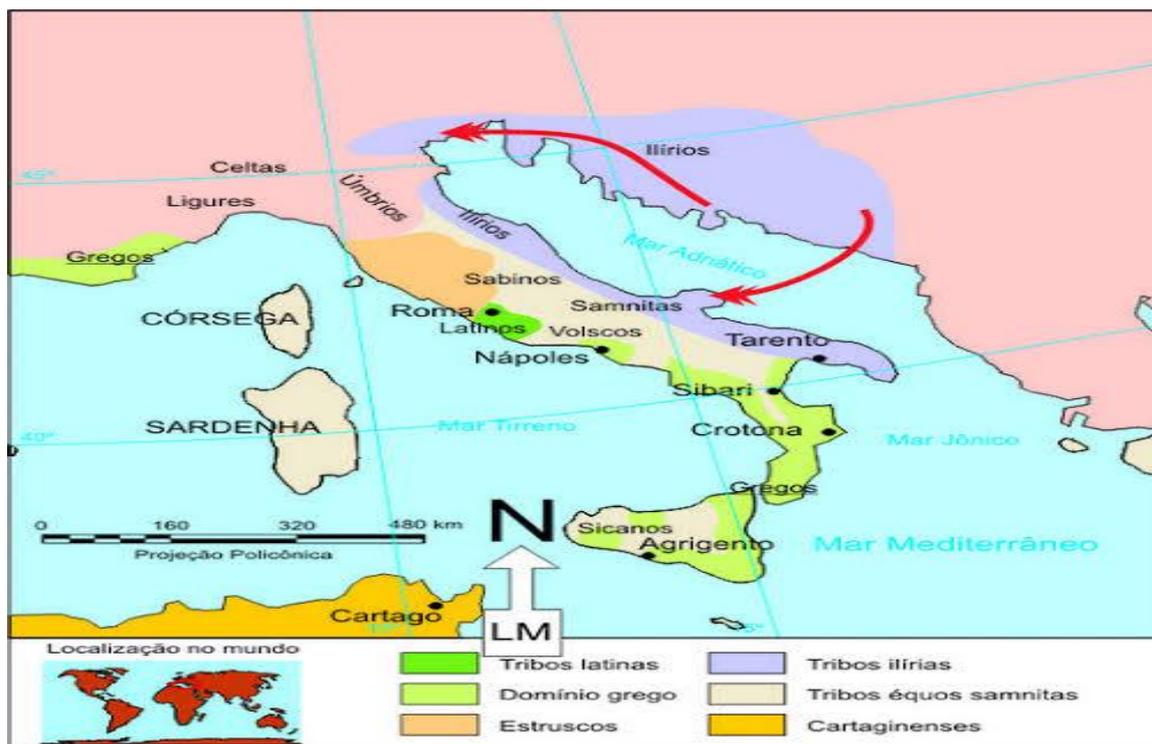
O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro é abordado a origem da língua latina, o domínio do império romano na Península Itálica e as características do latim clássico e do latim vulgar. No segundo é discorrido sobre a disseminação do império romano pela Península Ibérica e o impacto lexical que esse movimento ocasionou na construção da língua portuguesa. No último é apresentado uma análise acerca de como a variação linguística é abordada pelos PCNs e pelo livro didático do 1º ano do ensino médio, apresentando uma proposta de intervenção para atender à necessidade de trabalhar a variação lexical em sala de aula.

2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA

Para que possamos entender a variedade lexical do português, precisamos compreender a sua história desde as suas origens até os dias atuais. Quando falamos da construção da língua portuguesa, associamos esse conhecimento ao latim, pois o português foi originalizado da língua latina. Nesse capítulo, vamos conhecer um pouco da história do latim e como foi a construção do seu léxico.

De acordo com Gonçalves e Basso (2010), o latim surgiu em Roma, por volta do século VII a.C., na região do Lácio, localizada na Itália. A língua latina ainda não era falada em outras regiões, os falantes do idioma latino se concentravam no centro da Itália. Veja a seguir a figura 1 que nos ajudará a visualizar o local em que o latim surgiu.

Figura 1- Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – século X-VII a.C.



Fonte: Imagens Google (2021)¹.

É possível observar, no mapa acima, a localização da região, onde está situada a Península Itálica, na qual se originalizaram os povos pré-romanos. As tribos latinas estavam posicionadas em Roma, perto do Mar Tirreno, tendo como vizinhos territoriais

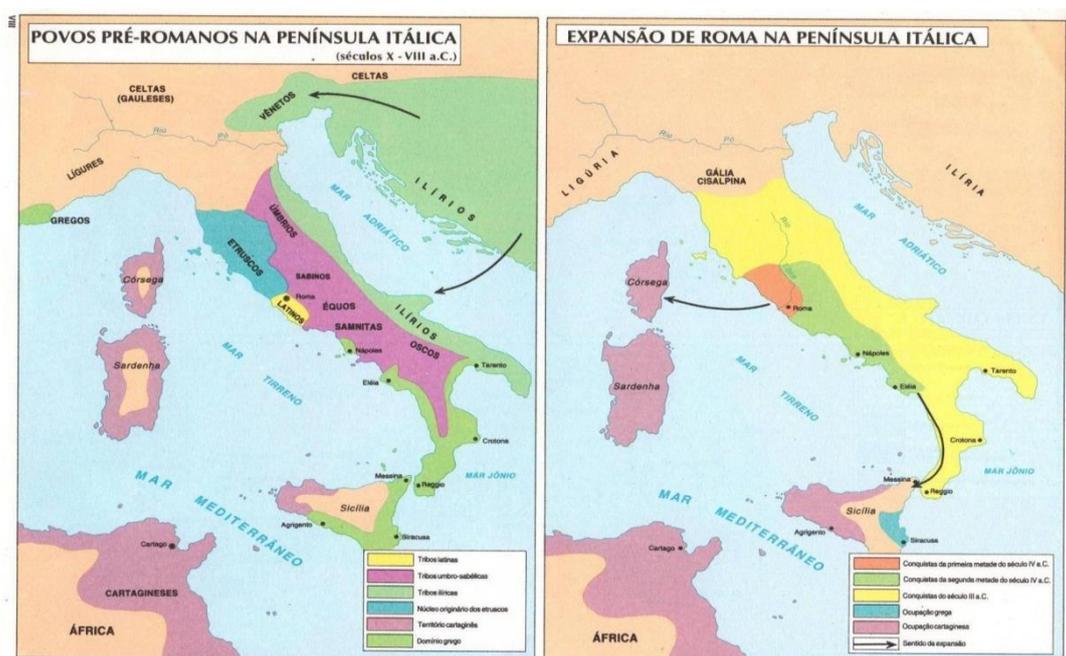
¹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/livro_didatico/3669827258/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

outros povos que tinham outras culturas e falavam outros idiomas, tais como: o umbro, o osco, o etrusco e o grego. Os mais próximos dos latinos eram: os etruscos, as tribos éguas samnitas e volscos.

Segundo Gonçalves e Basso (2010), a partir do século III a.C., o império romano expandiu o seu território, conquistando as regiões do Oriente e do Ocidente da Itália. Com a expansão e dominação românica na Península Itálica, a língua latina também se expandiu, passando a dominar outras regiões. E foi nesse percurso de dominação territorial que o latim originou as línguas neolatinas: o Português, Espanhol, Catalão, Italiano, Francês, Romeno e Romanche. Mais adiante falaremos sobre a origem das línguas neolatinas.

A seguir, apresentamos, na figura 2, a expansão do Império Romano na Península Itálica.

Figura 2 - Mapas da expansão do império romano



Legenda: À esquerda, mapa que representando a localização dos povos que habitavam a península itálica antes da conquista romana; à direita, mapa que representa a expansão romana na península itálica.

Fonte: ATLAS Histórico. In: ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. *Toda a História*. História Geral e História do Brasil. Volume Único. 13 ed. São Paulo: Ática, 2007, p. VI.

Fonte: Imagens Google (2021)².

² Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/remadih/roma-antiga/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

É possível observar nos mapas acima, como aconteceu a expansão do Império Romano na Península Itálica. Do lado esquerdo, temos a representação do território romano ainda na região do Lácio no centro da Itália. No lado direito por sua vez, vemos como aconteceu a ampliação territorial do império.

De acordo com Gonçalves e Basso (2010), a expansão românica aconteceu de duas formas, interiormente e exteriormente. No interior, o império romano se expandiu através da conquista da Península Itálica, mas o crescimento do império foi além do interior da Itália. A ampliação das conquistas aconteceu também exteriormente, visto que o império buscava conquistar a bacia do mar mediterrâneo, porém, os romanos encontraram resistência no seu percurso de expansão. Cartago foi a resistência, localizada no norte da África, potência militar que dominava as rotas comerciais do mar Mediterrâneo, impossibilitando a expansão romana. Os cartagineses controlavam o mar mediterrâneo, o que ocasionou vários embates entre Roma e Cartago.

Segundo Assis (s/d), devido as disputas comerciais entre Roma e Cartago, aconteceram três guerras, chamadas púnicas, durante os anos de 264 a.C. a 146 a.C. A primeira durou entre (264-241) e terminou com a vitória de Roma, ocasionando a expulsão dos cartagineses da Sicília, local estratégico para o comércio. O resultado foi um tratado de paz entre os dois povos, mas a desconfiança entre eles ainda era persistente, ocasionando a segunda guerra que durou entre (218-201) que foi marcada pela astúcia e determinação do general cartaginês Aníbal Barca, que organizou um exército para invadir Roma. O exército romano se viu ameaçado pelas tropas cartaginesas, mesmo estando em maior número, a estratégia e determinação do general Aníbal marcou a segunda guerra púnica. A terceira guerra que durou (149-146) finalizou o conflito entre Roma e Cartago, com a vitória dos romanos e o domínio do mar mediterrâneo. Uma frase em latim, dita pelos romanos, marcou essa conquista: "*Mare est nostrum*" (O mediterrâneo é nosso)

As conquistas romanas foram grandiosas, mas a queda do Império Romano estava próxima, quando Teodósio faleceu em 395 d. C., assumindo o poder do oriente junto com seus filhos, enfraquecendo a ligação que unia o ocidente e o oriente, ocasionando invasões. Em 476 d. C. o império do ocidente caiu, resultante de vários acontecimentos, tais como: crise econômica, escravista, militar e também por invasões bárbaras. Esses acontecimentos estão relacionados com uma ineficiência administrativa, pois as conquistas do Império Romano foram imensas e em pouco

tempo eles dominavam muitos territórios, o que ocasionou dificuldades administrativas.

Como citado anteriormente, com a expansão do império romano, o latim, idioma dos romanos, também se expandiu em todas as regiões que eram de dominância românica, e a partir de então o latim passou a ser a língua mais usada. Mesmo que os territórios tivessem suas culturas e seus idiomas, a língua latina se destacava. Isso ocorreu devido ao tratamento que era dado à língua latina, mesmo que o império não exigisse que todos falassem latim nas transações comerciais, no acesso à educação, e à religião eram exigidos o idioma latino. Devido a essa importância do idioma, mesmo com a queda do império no ocidente, o idioma continuou sendo usado na produção de documentos oficiais, estando ligado diretamente a uma norma culta da época, principalmente na escrita.

2.1 Latim clássico e latim vulgar

A língua latina, como processo de transformação, —já que a língua é viva—, apresentava variações em seu léxico, dessas variações destacam-se o latim clássico e o latim vulgar. Ambos têm origem no latim arcaico, mas devido o processo de expansão e de uso, a língua passou por mudanças e variações, o que ocasionou a diferenciação no seu vocabulário. Como salienta Elis de Almeida Cardoso:

o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas (CARDOSO, s.d., p. 164).

De acordo com Cardoso, o léxico de uma língua permite alterações linguísticas dinâmicas, que estão relacionadas diretamente com o seu contexto de uso, esses contextos podem ser o social, político e histórico que vão se modificando com o passar do tempo no que se refere ao léxico de uma língua.

O que aconteceu no latim foi exatamente esse processo de transformação devido o seu contexto de uso. No livro “História da língua” Gonçalves e Basso (2010) afirmam que a língua se originou de um latim arcaico, no qual os seus primeiros registros foram encontrados por volta de VII a.C. Um exemplo da língua latina arcaica

é a tradução do poema épico *Odisseia*, de Homero, do grego para o latim, que narra a epopeia de Ulisses, feita pelo escravo grego, Lívio Andrônico por volta do século III a.C. Nesse período, o latim ainda não estava aperfeiçoado, como estaria na forma lexical do latim clássico que durou do primeiro século a.C., até o começo da era cristã. O latim tinha duas modalidades, a primeira se tratava do latim clássico e a segunda do latim vulgar, a primeira estava relacionada com a escrita e era usada pelas pessoas letradas; a segunda era usada pela plebe, e era voltada para a oralidade. A partir da forma arcaica da língua latina, surgiram variações e mudanças no seu léxico.

Nesse sentido, William Labov no livro *Padrões Sociolinguísticos* considera que:

a maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada (LABOV, 2008, p. 20).

O autor fala do processo de variação de uma língua, que pode acarretar mudanças significativas e de longo prazo. O que aconteceu durante a expansão da língua latina é muito parecido com o processo citado por Labov (2008), pois, o avanço territorial do império romano, por toda Península Itálica, indo além da região do Lácio, teve como consequência o avanço do idioma latino. Com essa expansão as línguas que eram faladas nas regiões que não pertenciam ao Império Romano foram perdendo espaço e se modificando, e com o passar do tempo o latim se tornou a língua principal nessas regiões.

O contato com outros idiomas também foi importante para a evolução da língua latina. Logo, é sabido que uma língua não é homogênea e sim heterogênea, e essa heterogeneidade se deve principalmente ao processamento de como a língua é usada em determinados contextos de uso, sejam eles históricos ou sociais. O latim apresenta variedades no seu léxico, e essas variações são advindas do percurso expansionista e de uso do idioma por diferentes falantes e em diferentes contextos.

O latim clássico é um exemplo de variação da norma culta do latim. Essa variação tem como característica a formalidade da língua latina, estando relacionada diretamente com a escrita e com a literatura da época. Conforme, afirma Cardoso (s/d), a forma clássica pertencia a um determinado grupo da sociedade, denominados

patrícios, que faziam parte dos povos mais antigos, além de ser um grupo social formado por famílias importantes, que tinham raízes no latim arcaico, desde a pequena cidade do Lácio. Usado de forma mais erudita, o latim clássico representava uma parte da sociedade mais privilegiada.

De acordo, com Maria Cristina de Assis, no seu livro “História da língua portuguesa” o latim é definido com a seguinte concepção:

o latim clássico, chamado pelos romanos de *sermo urbanus*, era a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção gramatical e estilística; caracterizava-se pelo apuro do vocabulário e pela elegância do estilo. Conhecida como uma língua artificial e rígida, porém polida e requintada. Sinônimo de prestígio, era praticada pela elite e usada nas escolas e nas obras dos grandes escritores latinos, como Cícero, César, Virgílio e Horácio (ASSIS, s.d., p.119)

A autora salienta que, na literatura, o latim clássico ficou marcado por vários escritores, tanto na poesia como na história, e um deles é o orador e filósofo Cícero, com sua marcante prosa bem elaborada que portava as características principais da forma clássica. Mas, o latim clássico carregava na sua construção não apenas o aspecto formal e erudito da língua latina, ele foi marcado por outros aspectos linguísticos.

De acordo, com Martins, no seu livro “Configuracionalidade” em latim clássico e latim vulgar”, considera-se que:

[...] o latim clássico pode ser caracterizado (i.é,descrito) como língua que apresenta propriedades que se relacionam às línguas de tipologias não-configuracional [...].Trata-se de um trabalho de natureza sintática e, por isso, a apresentação da literatura tradicional restringir-se-á forma como são caracterizadas as propriedades sintáticas do latim que propomos como ligadas à não-configuracionalidade (MARTINS, 2002, p. 18).

Nesse sentido, a autora destaca que o latim clássico é de tipologia não-configuracional. Essa configuracionalidade está relacionada diretamente com a construção sintática das frases e orações em latim. No português temos termos essenciais que precisam estar em uma ordem para que a oração faça sentido, tomemos como exemplo a oração a seguir: *Maria sorriu para João*, na oração, se alteramos a posição do sujeito, e ele for empregado depois do verbo, o sentido irá

mudar totalmente. No latim clássico o que acontece é diferente, pois o que indica a função sintática não é a posição e sim as declinações correspondentes aos casos, nas construções sintáticas das orações, por isso os termos são livres. Um exemplo é a oração *Hominem Deus diligit*, na construção latina o sujeito é Deus e o homem o objetivo, independentemente da organização sintática.

Resultante dessa característica de termos livres, o latim clássico é considerado uma língua sintética, ou seja, o que definia as funções sintáticas dos termos eram as desinências. De acordo com Marcos Bagno:

o latim clássico era uma língua *sintética*, isto é, exprimia as funções sintáticas das palavras por meio de desinências, ao passo que já o latim vulgar e as línguas românicas são analíticas, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras mediante a ordem destas no sintagma e pelo uso de elementos como artigos e preposições (BAGNO, 2007 p. 28).

Considerando a perspectiva de Bagno, as desinências eram responsáveis por indicar qual função sintática determinado termo exercia dentro do sintagma. No latim clássico, existiam seis casos que apontavam qual função sintática o termo exercia em determinada colocação. Esses casos são:

Quadro 1- Declinações do latim clássico

Declinationes (sg.)								
Caso	1 f.	2 m.	2 n.	3 m./f.	3 n.	4 m.	4 n.	5 f.
Nom.	-a	-us	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Voc.	-a	-e	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Acc.	-am	-um	-um	-em	-?	-um	-u	-em
Gen.	-ae	-i	-i	-is	-is	-us	-us	-ei
Dat.	-ae	-o	-o	-i	-i	-ui	-u	-ei
Abl.	-a	-o	-o	-e	-e	-u	-u	-e

Fonte: Imagens Google (2021)³.

³ Disponível em: <<https://rafaelfalcon.com.br/curso-de-latim-online/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

No quadro 1, visualizamos as declinações e os casos em latim. Para identificar a que declinação a palavra pertence, devemos observar as terminações, visto que é através da terminação que conseguimos relacionar a qual caso a palavra pertence.

No que se refere ao léxico do latim clássico, a língua, como já foi citada anteriormente, tinha como característica uma riqueza estilística que se remetia a uma parte da população romana mais erudita que se diferenciava do latim vulgar, visto que era o mesmo latim só que em outra variação, uma variante que estava mais próxima da população em geral e da oralidade. E é sobre essa variante que iremos salientar.

O latim vulgar é a variação que mais se aproxima da construção do léxico da língua portuguesa, e foi através dela e de suas características que as línguas românicas surgiram. Ela tinha como principal característica o aspecto informal, era a língua utilizada pela plebe, escravos entre outros, na maioria das vezes era a língua que as regiões que se tornaram de dominância romana usavam. Estava associada diretamente a oralidade, ou seja, a língua em uso real da comunicação.

Não necessariamente o latim vulgar veio depois do latim clássico, o que diferencia os dois não é o período histórico, mas sim o aspecto social. O latim clássico e o vulgar eram utilizados por diferentes partes da população romana, seja ela oriunda do Lácio, ou dos territórios conquistados. Maria Cristina da Silva Martins, define o latim vulgar como:

chama-se latim vulgar ao latim de que derivaram as línguas românicas em oposição ao latim dos textos literários que a Antigüidade (*sic*) nos transmitiu, chamado latim clássico. Embora o latim vulgar fosse essencialmente falado, muitas de suas peculiaridades podiam entrever-se nos próprios textos literários de Roma (MARTINS, s.d., p. 18).

De acordo com Martins, o latim vulgar, mesmo que fosse o mais recorrente, também se fez presente na literatura. A língua utilizada pela população já era vista pelos grandes escritores, sendo assim empregada e rotulada como língua regional. Na escrita, o latim vulgar poderia ser encontrado em cartas e em textos satíricos nos quais se admitia a variação vulgar. O grande filósofo e escritor do latim clássico, Cícero usava a língua vulgar para escrever cartas íntimas, no geral, o uso na escrita do latim vulgar era encontrado em escritas informais.

De acordo com Cardoso (s/d), a variação vulgar da língua latina sempre existiu, desde os seus primórdios as variações perduram, de acordo com espaço geográfico,

a posição social e entre outros fatores que possibilitam a modificação do léxico. No que se refere ao aspecto geográfico, podemos inferir ao processo de dominação da Península Itálica pelos romanos que as regiões que foram dominadas tinham sua própria língua, mas em contato com o latim foram perdendo espaço e ele passou a ser o idioma dominante. Porém, o contato com a língua latina e com os seus dialetos de raiz, resultaram em variações da língua latina. No intelecto de variação social, entendemos que se trata dos aspectos sociais, políticos e educacionais, que interferem diretamente na construção da língua, devido a posição social que cada indivíduo ocupa no corpo social.

O latim vulgar era exatamente a representação linguística dessa massa da sociedade romana das classes menos prestigiadas. Por ser uma língua usada por uma parte da sociedade que na maioria dos casos eram analfabetos, segundo Cardoso (s/d), o latim vulgar não se apegava às regras gramaticais e não tinha preocupação com a estilística que o latim clássico prezava. E foi justamente esse léxico cotidiano o responsável pelo surgimento das línguas românicas.

Diferente do latim clássico, o latim vulgar é considerado uma língua analítica de acordo Bagno (2007) no livro “Gramática histórica”. Por ser analítica, entendemos que no latim vulgar o critério para definir as funções sintáticas das palavras era a organização delas dentro do sintagma e não mais as desinências. Tomemos como exemplo a palavra *Petrum* quando empregada no sintagma, de acordo com o latim clássico, deveríamos observar a sua declinação para indicar a qual caso ela pertencia. Na análise do latim vulgar, é preciso apenas observar a sua posição para assim designar a sua função sintática. Essa forma de verificação é que prevaleceu no português.

Se no latim clássico eram cinco declinações e seis casos, na forma do latim vulgar, os casos foram simplificados, restando apenas os casos nominativo e o acusativo que representavam o sujeito e o complemento. As declinações também sofreram alterações, no latim clássico, eram cinco, no vulgar passaram a ser três e depois duas.

Mesmo se tratando da mesma língua, o latim vulgar se diferenciava do clássico em vários aspectos, ele era mais expressivo devido ser mais falado e concreto, no uso efetivo da população. As diferenças eram recorrentes tanto na fonética, como na morfologia, na sintaxe e no léxico, pois essas variações faziam parte de espaços culturais e sociais diferentes.

Na fonética a diferença mais significativa foi a redução das vogais, sendo que essa mudança está relacionada com o timbre. De acordo com Maria Cristina de Assis, enquanto no latim clássico eram cinco vogais, e elas poderiam ser longas ou breves, no latim vulgar as vogais perderam essas características e passaram a ser incorporadas e analisadas com relação ao timbre. A seguir, temos uma figura que apresenta essa transformação fonética do clássico para o vulgar.

Quadro 2- Sistema vocálico do latim clássico, vulgar e português

Latim clássico	Latim Vulgar	Português
<i>a</i> (longo) e <i>a</i> (breve)	<i>a</i>	a
<i>e</i> (longo)	<i>e</i> (aberto)	é
<i>e</i> (breve) e <i>i</i> (longo)	<i>e</i> (fechado)	ê
<i>i</i> (breve)	<i>i</i>	i
<i>o</i> (longo)	<i>o</i> (aberto)	ó
<i>o</i> (breve) e <i>u</i> (longo)	<i>o</i> (fechado)	ô
<i>u</i> (breve)	<i>u</i>	u
10 vogais	7 vogais	7 vogais

Fonte: Imagens Google (2021)⁴.

No quadro 2, podemos observar com clareza como aconteceu a transição das vogais longas e breves do latim clássico para a característica do timbre do latim vulgar. Observamos também que o sistema vocálico da língua portuguesa se assemelha mais com a do latim vulgar do que o latim clássico.

Na morfologia, como já foi mencionado anteriormente nesse capítulo, a grande mudança foi a redução das declinações, enquanto no latim clássico eram cinco, no latim vulgar passou a ser apenas três.

Com relação à sintaxe, a oposição entre a forma clássica e vulgar do latim configura a organização dos termos no sintagma. Enquanto o latim clássico tinha a ordem livre o latim vulgar obedecia a uma organização sistematizada entre sujeito e complemento.

No léxico, a mudança está relacionada diretamente com a língua em uso, enquanto o latim clássico tinha uma linguagem mais rebuscada, o latim vulgar era mais voltado para a linguagem em uso. Tomemos como exemplo a palavra “Cavalo”

⁴ Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/350459/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

no latim clássico era falado *equus* que significava cavalo de montaria e no latim vulgar a pronúncia era *caballus* que se referia a cavalo de lavoura.

Essas diferenças estão relacionadas diretamente com a evolução da língua, não que o latim clássico veio primeiro que o latim vulgar, ambos já existiam desde a origem do idioma latino, mas as constantes evoluções dos falantes contribuíram para que o léxico da língua latina evoluísse. E essa evolução é importante para que possamos compreender a construção da língua portuguesa.

Nesse capítulo, observamos que dentre as variedades do latim a que mais se assemelha com a língua portuguesa é o latim vulgar, no que se refere principalmente à formação do léxico, provenientes do caso acusativo, já que a maioria das palavras portuguesas vieram desse caso. Outra característica importante é o fato de o latim abordar, além dos gêneros femininos e masculinos, o gênero neutro, que na criação da língua portuguesa esse gênero passou a não existir, restando apenas o gênero feminino e masculino. *A priori* é importante entender essa evolução e variação da língua latina nos seus primórdios para que possamos assim, investigar a evolução do léxico da língua portuguesa, para que haja uma maior compreensão.

3 IMPÉRIO ROMANO E PENÍNSULA IBÉRICA

No capítulo anterior, abordamos a expansão territorial como fator principal na evolução da língua latina. As conquistas do Império Romano por toda a Península Itálica, ocasionaram um crescimento geográfico e cultural muito grande e favorável para os romanos. Porém, foi através da conquista na Península Ibérica que os romanos conseguiram uma expansão mais significativa, expandindo o comércio, a cultura e a língua, pois, foi no território Ibérico que o latim originizou as línguas românicas, através da evolução lexical que o idioma adquiriu com o passar dos anos e através do contato com as línguas nativas. Mais adiante, iremos abordar como aconteceu essa evolução linguística que influenciou a mudança do léxico da língua latina e a criação das línguas românicas.

A conquista da Península Ibérica, pelos romanos, era simplesmente uma forma de ampliar o poder do império. A dominância e a expansão de novos territórios fortaleciam a nação romana, tanto no âmbito dos negócios como também no que se refere à ampliação da cultura, da língua e da religião.

A localização da Península Ibérica era bastante favorável para a evolução comercial de toda região, devido a sua grande expansão territorial. Povos de diferentes etnias buscavam dominar a Península e assim conquistar novos territórios e rotas de comércio. A conquista romana sobre a Península não foi fácil, o império encontrou resistência no processo de expansão, os cartagineses, como foi abordado anteriormente, tinham uma grande frota comercial e acreditavam que o domínio romano ameaçava os seus negócios. A disputa entre cartagineses e romanos foi bastante intensa, ocasionando as guerras púnicas, que foram mencionadas no capítulo anterior. A batalha não foi fácil para os romanos, mas eles acabaram vencendo Cartago e seguindo em frente com o processo expansionista.

Na Península Ibérica já havia povos que habitavam o território, esses povos já tinham estabelecido a sua cultura, língua, comércio, ou seja, a área já apresentava uma dominância. Esse domínio não era único de um povo, mas sim de várias nações que tinham estabelecido a sua cultura, comércio, e língua entre outros aspectos. No mapa a seguir, visualizaremos como era a habitação da região antes da dominância romana e os povos que residiam no território Ibérico.

Figura 3 - Mapa da Península Ibérica antes da chegada dos romanos



Fonte: Imagens Google (2021)⁵.

No mapa acima, é possível observar quais eram os povos que habitavam a Península antes da dominação do império romano. A divisão territorial já estava bem estabelecida, tendo uma variedade de povos. Também é possível visualizar grupos que apresentavam maior dominância com relação aos demais, esses povos são de extrema importância para a evolução da língua latina, até a construção da língua portuguesa, sendo eles os Celtas e os Iberos que lideravam a Península Ibérica e apresentavam uma organização bem estabelecida. De acordo com a autora Assis:

antes do estabelecimento do domínio romano na região, os povos que habitavam a Península eram numerosos e apresentavam língua e cultura bastante diversificadas. Havia duas camadas de população muito diferenciadas: a mais antiga-ibérica- e outra mais recente –os Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias (ASSIS, s.d., p. 01).

⁵ Disponível em: <<https://pl.pinterest.com/pin/466544842647753816/>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

Diante da colocação feita pela autora, é possível entender com mais clareza como a Península Ibérica era antes da chegada dos romanos. Como foi citado e mostrado no mapa acima, a região já era habitada, destacando-se os Celtas e os Ibéricos. Os celtas ocuparam a Península no século VII a. C., no entanto a chegada desse povo na região não aconteceu de forma pacífica, ocasionando conflitos, mas, sua dominância teve bastante influência durante o período que antecede a dominância do império romano. De acordo, com Assis (s/d), os Ibéricos já estavam presentes na Península quando os Celtas chegaram e com o passar do tempo os dois povos se misturaram e formaram os povos celtiberos, que estão representados no mapa acima.

Os Celtas e Ibéricos eram os que mais dominavam a região, mas havia outros povos que foram chegando, atraídos pelas riquezas, em geral, que a Península Ibérica oferecia. Dentre esses povos, destacamos os cartagineses, que eram os que mais buscavam expansão territorial, por causa dos seus interesses comerciais, ameaçando assim o domínio territorial dos celtiberos.

A Península Ibérica apresentava uma diversidade de povos, como podemos visualizar no mapa. Faziam parte do território: os Lusitanos, Váceos, Oretanos, dentre outros. Com a invasão Celta e a influência que eles exerceram por muito tempo, a população Celta e Ibérica foram mescladas dando origem aos povos Celtiberos. Logo, as culturas, crenças e línguas já estavam estabelecidas na Península, mesmo não sendo unificadas, cada nação tinha o seu léxico definido e em uso pelos habitantes.

A chegada dos romanos à Península teve duas motivações, a primeira foi o desejo de expansão e domínio, a segunda refere-se ao pedido da nação Celtibérica feita aos romanos para que ajudassem a derrotar Cartago, pois os Cartagineses queriam dominar a área territorial peninsular, ameaçando assim o poder dos Celtibéricos. De acordo, com Assis (s/d), a invasão romana aconteceu no século III a.C., mas a consolidação do império só ocorreu no ano de 197 a.C. O processo de domínio não foi aceito por todos os povos que já estavam organizados na Península, os lusitanos, chefiados por Viriato, resistiram a chegada dos romanos e foi apenas depois de sua morte que os romanos progrediram para o norte, dando continuidade à expansão.

No mapa a seguir, visualizaremos como ficou a ocupação romana na Península Ibérica, logo após a conquista do império.

Figura 4 - Mapa da Península Ibérica durante o domínio romano



Fonte: Imagens Google (2021)⁶.

No mapa acima, podemos visualizar que durante a dominância romana a Península Ibérica foi dividida em duas partes, essas partes eram as províncias, denominadas de Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior.

O processo de dominância romana aconteceu de forma bastante cuidadosa, o império foi aos poucos implantando a sua civilização, procurando não modificar muito os costumes dos povos que já estavam no território, instalando o comércio e a implantação do serviço militar. O Latim, língua oficial dos romanos, foi primeiramente imposto nos documentos oficiais e nas transações comerciais, mas, no século V d.C., com a Península já romanizada, a língua latina passou a ser usada por todos, sendo adotada como língua oficial da România. De acordo com Assis (s.d., p.116), “a romanização da Península não se deu de maneira uniforme, mas gradativamente, o latim foi-se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas”.

⁶ Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Conquista_romana_da_Pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Essa evolução gradativa que o latim percorreu até dominar a Península Ibérica foi de suma importância, pois o cuidado ao se inserir em novos territórios, fez com que a língua fosse se consolidando aos poucos até conquistar por inteiro o território, talvez se os romanos tivessem imposto o idioma latino rápido, a língua não teria se destacado entre as outras.

3.1 Evolução do latim e as variantes lexicais

O latim passou a ser a língua utilizada em territórios romanizados, ofuscando assim as línguas que se faziam presentes antes da chegada dos romanos. O domínio da língua latina aconteceu principalmente devido a cobrança de saber o idioma nos setores de desenvolvimento, como educação, comércio entre outros. Mesmo, depois da queda do império romano no século V d.C. a língua latina continuou a ser oficial, o que não quer dizer que ela não sofreu influência lexical das línguas primitivas. De acordo com Cardoso:

O latim chegou à Península Ibérica com prestígio de língua oficial. Levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se e expandiu-se. Esse latim, entretanto, era o *sermo vulgaris*, *plebeius* ou *rusticus*. O latim escrito mantém-se como a única língua da cultura, o latim falado transforma-se e diversifica-se (CARDOSO, s.d., p. 166).

Como foi destacado pela autora, o latim que chegou à Península Ibérica não era o latim clássico, mas sim o latim vulgar, que caracteriza o dialeto utilizado pelos romanos, relacionado diretamente com a oralidade e com a comunicação cotidiana. Diferente do latim clássico que estava mais próximo da forma culta da língua latina, sendo mais recorrente na escrita, como já abordamos no capítulo anterior.

Se a língua utilizada na românia era o *sermu vulgaris*, logo a forma lexical que se expandiu, o vulgar, estava mais voltada para a língua em uso, o que foi crucial para a formação das línguas neolatinas. A evolução e disseminação da língua latina, juntamente com os empréstimos lexicais das línguas primitivas dominaram grande parte da Europa, ocasionando assim o surgimento das línguas neolatinas.

O termo empréstimo lexical é utilizado para retratar a permanência de algumas palavras de origem dos povos pré-romanos da Península Ibérica na formação

vocabular das línguas românicas, como a Língua Portuguesa. Assis, no livro “História da Língua Portuguesa” fala que:

Nesse quadro de mistura étnica, o latim apresentava feições particulares, mesclado de elementos celtas e ibéricos, basicamente no vocabulário. Os vestígios da língua ibérica no vocabulário português são poucos: *bezerro*, *esquerdo*, *sarna*, *cama*, *arroio*, *baia*, além dos sufixos *-arra*, *-erro*, *-orro*, *-urro* (ASSIS, s.d., p. 03).

Na citação acima, a autora destaca a mistura de vocabulários e as suas evidências na língua portuguesa. Ela utilizou, como exemplo, os vestígios vocabulares da língua Ibérica, mas cada nação deixou marcas na formação do léxico da Língua portuguesa.

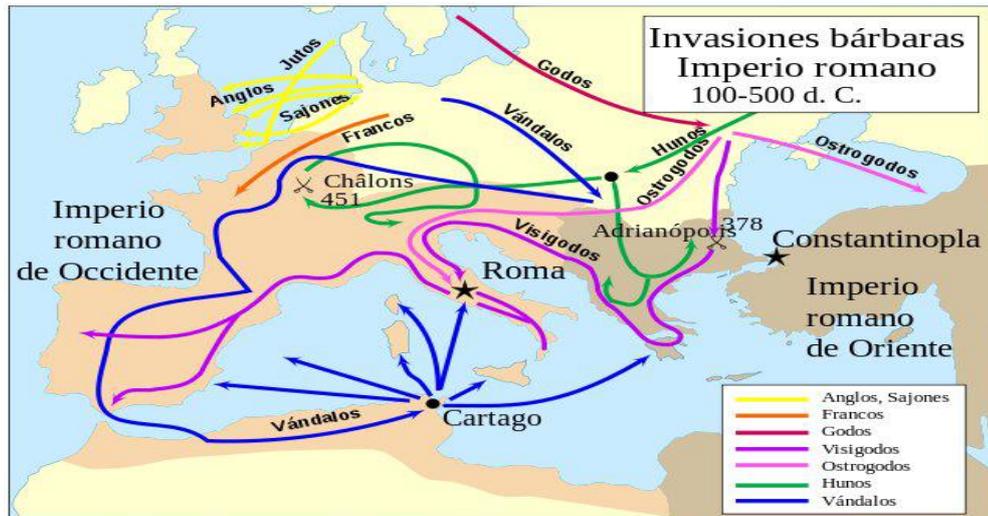
Os vestígios vocabulares dos gregos também fazem parte da formação lexical da Língua Portuguesa, de uma forma mais recorrente do que a Ibérica. Temos palavras que se referem à época antes dos romanos, como é o caso de: *bolsa*, *cara*, *cola*, *governar*, sendo que esses termos se misturaram com os latinos. Outros como: *anjo*, *apóstolo*, *bíblia*, *crisma*, *diabo*, tiveram o seu surgimento com o cristianismo. Há ainda vocábulos de origem medieval como: *esmeralda*, *monge*, *esmeril*, *farol*, *guitarra* e de origem árabe, como: *acelga*, *alambique*, *quilate*, *alcaparra*. É importante destacar que essas expressões são bastantes comuns no nosso cotidiano, e que é possível que as utilizemos de maneira eficiente diariamente sem ter conhecimento da sua origem.

Como é possível perceber, os empréstimos lexicais são inúmeros. Referente aos vocábulos de origem céltica, é possível notar sua influência mais recorrente nos sons das palavras, ou seja, na fonética, exemplos são: *brio*, *bico*, *casa*, *légua*, *raio*, *touca*, os fenícios foram os que tiveram menos influência na língua portuguesa, a exemplos de vocábulos fenícios temos apenas: *saco*, *mapa* e *malha*.

Assis (s/d) salienta que a importância do latim foi tão significativa que mesmo diante de todas essas influências, ele continuou sendo a língua oficial. Até mesmo depois da invasão dos bárbaros que ocasionou a queda do império romano no ocidente em 476 d.C., o latim não sofreu qualquer perda de uso da língua, eles acabaram por assimilar tanto a religião como a língua, defendendo o cristianismo e tendo como língua oficial o latim vulgar.

No mapa a seguir, veremos como ficou a Península Ibérica, durante a invasão dos bárbaros.

Figura 5 - Mapa da Península Ibérica com a invasão dos bárbaros



Fonte: Imagem Google (2021)⁷.

No mapa, vemos como ocorreu a ocupação dos bárbaros no século V d. C. Eles foram dominando todo território que pertencia ao império romano, os primeiros a se instalarem foram os *suevos* e os *vândalos*. Os demais vieram logo depois e se disseminaram por toda a Península Ibérica, sendo eles os: *burgundos*, *francos*, *saxões*, *alamanos*, *longobardos* e os *normandos*.

A disputa pela Hispânia era grande e os árabes também invadiram a Península, no século VII d.C. Vejamos no mapa a seguir:

Figura 6 - Mapa da invasão árabe na Península Ibérica

⁷ Disponível em: <<https://maestrovirtuale.com/invasoes-barbaras-causas-desenvolvimento-e-consequencias/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

compreender esse processo é o primeiro passo para evitar preconceitos linguísticos, principalmente, aos que se referem ao léxico.

3.2 Língua, linguagem e variação

Os aspectos sociais e linguísticos foram essenciais para a evolução do latim, o contato com outras sociedades, que tinham suas culturas desenvolvidas, ocasionou uma variedade lexical da língua latina, essas variedades transformaram o latim. A variante vulgar é o reflexo desse processo evolutivo que a língua latina passou, adaptou-se às regiões que estavam em dominância, sem deixar cessar a sua língua. Foi um desafio para o Império Romano, e grande parte desse sucesso evolutivo da língua latina foi a adaptação e o cuidado ao implantar o idioma latino nas regiões que tinham suas línguas primitivas.

A evolução lexical do latim ocasionou o surgimento das línguas neolatinas, derivadas principalmente da variante vulgar, que estava ligada diretamente à oralidade. Willian Labov destaca que:

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala- a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (LABOV, 2008, p. 13).

Seguindo essa percepção, percebemos que para obtermos conhecimento linguístico devemos primeiramente observar a língua em uso real, e depois atentar para os aspectos formalistas dela, mas o que acontece na realidade é exatamente o contrário. A linguística na sua maioria das vezes destaca as variedades da língua, considerando os aspectos reais de uso. Essa característica é corriqueira desde o ano 1949 com a perspectiva de Saussure em considerar o sistema estrutural da língua separadamente das mudanças históricas.

O estruturalismo teve como principal fundador Fernand Saussure, tendo como principal ideal o estudo descritivo da língua como sistema. Nesse sentido, a linguagem era considerada singular, ou seja, não era o foco de pesquisa. De acordo com, Koch

(2011), Saussure definiu as dicotomias relacionadas à língua e à linguagem. Sendo a língua o foco de estudo da linguística e da descrição.

Essa separação ocasionou uma relação de diferença entre estrutura e mudança, tendo como principal, o estudo estrutural da língua. Contra a visão estruturalista, o estudo sociolinguístico visa, portanto, preconizar o estudo da língua e da linguagem de forma igualitária, observando as variações linguísticas que acontecem na linguagem que modificam diretamente a língua, estabelecendo uma ligação entre elas. Para Tarallo (2003, p. 141) “[...] podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana”. Ou seja, o objeto de estudo de um sociolinguista é a língua em uso.

A sociolinguística surgiu por volta de 1950, mas foi somente em 1960 com as contribuições do linguístico William Labov que essa linha de pesquisa ganhou destaque. Atualmente Labov é conhecido como o pai da sociolinguística. A necessidade de fazer uma análise sociolinguística é importante para entender que a língua não é homogênea e sim heterogênea, passível de mudanças e variações, e a prova disso é o processo evolutivo da língua que teve início no latim arcaico até chegar ao português contemporâneo.

A variação lexical que o latim sofreu, durante vários anos, até formar as línguas neolatinas, modificou diretamente a língua. É sabido que a língua existe com um propósito, o de comunicar, e para haver comunicação é preciso ter conhecimento sobre a língua de ambos interlocutores, logo, com a evolução lexical a língua também se transforma, para que assim possa haver comunicação entre os indivíduos.

Há vários estudos baseados na sociolinguística e o trabalho com a variação é um deles. A variação linguística tem como princípio os aspectos linguísticos e extralinguísticos que modificam a língua, entretanto essa perspectiva sofreu e ainda sofre muito preconceito, por pessoas que persistem em relacionar o estudo da variação como algo inferior da língua, tendo como preceito que qualquer variação linguística que fuja da visão estrutural é incorreta. Bagno (2016, p. 39) destaca que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar

uma variedade linguística equivalente a denegrir e condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...].

Mesmo depois de vários estudos e pesquisas, ainda é possível encontrar preconceitos linguísticos, principalmente, no que se refere à variação lexical. Logo, ignorar o processo de variação linguística é ignorar a própria língua, pois as línguas, no geral, estão sempre evoluindo e em constante variação, seja de forma situacional, social, geográfica ou histórica.

O léxico surgiu da necessidade de se comunicar, hoje temos vários estudos referente ao léxico da língua portuguesa, assim é através dele que podemos fazer a diferenciação de um vocábulo para o outro, cabíveis de variação. Basílio afirma;

A respeito da variação lexical, pode-se dizer que as mudanças políticas e culturais não causaram, nem causam transformações imediatas no sistema lexical, pois todas as mudanças no léxico resultam da fala, ou seja, do uso da língua – através da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas (BASÍLIO, 2007, p. 21).

Nessa sessão, constatamos exatamente o que Basílio declara, a língua latina foi aos poucos modificando o léxico, até o surgimento das línguas neolatinas. É possível afirmar que, quando observamos a língua em seu uso real de comunicação percebemos que em todo o processo temos vestígios de variações e mudanças lexicais. Logo, não podemos ignorar o processo evolutivo da língua. Como educadores de língua portuguesa devemos trabalhar em sala de aula o estudo evolutivo da língua e do léxico, para que possamos romper com o pressuposto de inferiorização das variedades linguísticas existentes.

3.3 Sociolinguística e o ensino de língua portuguesa

Como já foi ressaltado, o ensino de língua portuguesa por muito tempo foi centrado no estudo estrutural da língua, inferiorizando o processo de variação, principalmente aos que se refere à oralidade, ou seja, o foco de estudo era apenas relacionado à visão estruturalista da língua e ao funcionamento de suas regras.

Labov (2008), no livro *Padrões sociolinguísticos*, cita vários fatores que contribuíram para o desprezo dado pelos estudiosos e profissionais ao estudo da variação e mudança da língua.

Uma terceira restrição era, talvez, a mais importante: a variação livre não podia, em princípio, ser condicionada. O postulado básico da linguística (Bloomfield 1933:76) declarava que alguns enunciados eram o mesmo. Por conseguinte, eles estavam em variação livre, e se considerava linguisticamente insignificante saber se um ou outro ocorria num momento particular. Relações de mais ou menos, portanto, eram descartadas do raciocínio linguístico: uma forma ou regra só podia ocorrer sempre, opcionalmente ao nunca, a estrutura da variação ficava, portanto, removida dos estudos linguísticos e, com ela, o estudo da mudança em andamento (LABOV, 2008, p. 14).

Nessa perspectiva de restrição citada por Labov, percebemos como o processo de variação e mudança linguística passou a ser considerada pela ciência que estuda a língua. A sociolinguística, disciplina responsável por investigar a heterogeneidade da língua, juntamente com a da sociedade, já havia surgido no ano de 1950, mas foi apenas em 1960 com a contribuição das pesquisas de William Labov que a disciplina ganhou destaque e começou a se desenvolver.

A sociolinguística tem como foco de estudo e pesquisa a língua em uso e as contribuições externas que influenciam a sua estruturação. Como é sabido a língua é importante devido o seu caráter comunicativo, e por ser comunicativa a língua é viva e passível de variações e mudanças, até porque a sociedade está em constante evolução, e, com isso, a língua também. De acordo com o estudo histórico realizado nos tópicos anteriores acerca da origem da língua portuguesa, podemos analisar como a língua vem se modificando e apresentando variações desde os primórdios, no caso do latim.

A língua portuguesa surgiu devido as variações que a língua latina sofreu durante o seu processo evolutivo. Logo, não podemos ignorar e nem inferiorizar o processo de variação linguística, visto que, foi devido essa variação e evolução linguística-lexical que temos acesso a nossa língua atualmente.

Na década de 70, a visão de língua heterogênea, definida pela visão sociolinguística chega ao Brasil, surgindo assim a necessidade de implantar, no currículo de língua portuguesa, o estudo da variação linguística, abordando os aspectos que contribuem para que haja determinada variação, que pode ser tanto de fator social, regional, escolar e histórico, entre outros. Todos eles contribuem para que

haja variação no uso real da língua. Ensinar que a língua portuguesa é apenas regida por regras gramaticais e linguísticas, relacionadas diretamente com a norma padrão, é um equívoco, visto que a língua em si, se trata de um processo evolutivo da espécie humana, que a todo momento busca novas formas de se comunicar e evoluir.

A escola, por exemplo, é um espaço-ambiente no qual apresenta uma variedade cultural e linguística diversificada, devido ao grande número de indivíduos presentes na comunidade escolar. Para que haja um ensino igualitário e democrático, o professor precisa conhecer os aspectos linguísticos e sociolinguísticos, para assim conseguir trabalhar a linguagem como fator fundamental de interação social, passível de variação e mudança.

A necessidade de trabalhar os aspectos sociolinguísticos em sala de aula, foi compreendida pelos PCNs, documento que orienta os educadores sobre aspectos disciplinares fundamentais no ensino de cada disciplina. Nele fica destacado que:

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem principalmente, as atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio de análise e reflexão sobre múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (BRASIL, 1998, p. 27).

Pela orientação dos PCNs de língua portuguesa, mais especificamente da linguagem, os docentes devem desenvolver em seus alunos o conhecimento sobre o discurso, ou seja, a oralidade em si. O tratamento com a gramática deve ser associado a um conteúdo complementar que ajudará o aluno a conhecer os aspectos linguísticos que estruturam a língua, ao contrário do que aconteceu durante muito tempo nas aulas de língua portuguesa, nas quais a norma padrão e os aspectos gramaticais eram os conteúdos principais. O discurso era trabalhado de forma secundária e buscava-se gêneros mais formais da literatura brasileira, reforçando a ideia de certo e errado na língua. A perspectiva de ser adequado ou não ser adequado na língua também é abordando pelo PCNs (BRASIL, 1998, p. 31).:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permite-lhes a

escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade da língua e o estilo às diferentes situações comunicativas[...].

Como abordado pelos PCNs, o ensino de língua deve ser centrado na aprendizagem das variedades linguísticas e seus contextos de uso. Todas as variações são importantes e serão utilizadas de acordo com o contexto de fala e escrita, sendo responsabilidade do professor ensinar em qual contexto cada variação melhor se adapta.

Embora já se tenha bastante estudos e pesquisas com foco na língua e suas variedades, e seja cobrada essa perspectiva pelos documentos oficiais que orientam o ensino, ainda é persistente alguns equívocos ao se trabalhar a variação da língua, equívocos como preconceito, ideia de certo e errado, e o desmerecimento do conteúdo ao ser trabalhado em sala de aula. Com o avanço da internet os preconceitos com a variedade linguística ficaram em evidência, principalmente nas redes sociais, na qual a cultura do certo e errado é mais recorrente.

É necessária uma investigação a fundo para identificar e reconhecer a raiz desta lacuna no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, e compreender o porquê dessas ideias ultrapassadas com relação à língua ainda serem pertinentes nos dias atuais. A primeira hipótese levantada é o tratamento que o livro didático dá ao processo de variação linguística, visando que se trata de um material norteador para o ensino em sala de aula e que muitas das vezes os professores usam somente o livro didático como base para desenvolver suas aulas, muitas vezes de forma superficial. No tópico a seguir, veremos de que forma é trabalhado este conteúdo em um livro do 1º ano do ensino médio.

4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Para análise do livro didático acerca de como é abordado a variação lexical no material, selecionamos o manual do professor “Se liga na língua” dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2016) referente ao 1º ano do ensino médio. A escolha desse material, em específico, aconteceu devido ele ter sido usado na execução da disciplina de Estágio Comum Curricular Supervisionado IV, despertando um interesse em analisar como é abordado por ele o processo de variação linguística.

O livro é composto por três linhas de estudo, sendo elas: Literatura, produção de texto e Linguagem. A unidade de linguagem está subdividida em mais três unidades. Na primeira, a linguagem é abordada como um sistema de comunicação, já a segunda aborda a linguagem como comunicação e sentidos e a terceira apresenta o conteúdo de formação das palavras. A seguir será apresentado, através de imagens, a capa do livro e o sumário referente à linguagem que é o nosso foco de pesquisa.

Figura 7 - Capa do livro didático



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016).

Figura 8 - Sumário de linguagem

SUMÁRIO	
Linguagem	
Níveis de descrição linguística	
	
<p>Leitura: tira <i>Níquel Náusea</i>, de Fernando Gonsales..... 257</p> <p>Tempo de planejamento..... 258</p> <p>Sistemas complementares..... 259</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 260</p> <p>Ortografia: um acordo entre falantes..... 263</p> <p>A classificação dos fonemas..... 264</p> <p>Encontros vocálicos e semivogais..... 264</p> <p>Encontros consonantais..... 265</p> <p>Dígrafos..... 265</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 266</p> <p>Para dar mais um passo – A exploração dos sons em textos poéticos..... 269</p> <p>Leitura: “Juçara”, de Paulo Padilha..... 269</p> <p>Você já viu isso antes – A acentuação gráfica e os verbos..... 270</p> <p>Leitura: linha-fina de notícia..... 270</p> <p>• Expressão coletiva..... 272</p>	<p>Leitura: título, linha-fina e olho de reportagem..... 296</p> <p>Relações de sentido..... 297</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 300</p> <p>Polissemia, sentido denotativo e sentido conotativo..... 303</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 304</p> <p>Para dar mais um passo – O dicionário e o sentido das palavras..... 307</p> <p>Leitura: tira <i>Bichinhos de Jardim</i>, de Clara Gomes, e verbetes “perigoso”, “difícil” e “foto”, do <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i>..... 308</p> <p>Você já viu isso antes – O emprego de <i>por que</i>, <i>por quê</i>, <i>porque</i> e <i>porquê</i>..... 309</p> <p>Leitura: tira de Benett..... 309</p>
<p>► UNIDADE 9 – Linguagem: sistema de comunicação..... 236</p> <p>• Capítulo 17 – Linguagem e língua..... 238</p> <p>Pra começar..... 239</p> <p>Leitura: foto de <i>Poema suspenso para uma cidade em queda</i>, de Luiz Fernando Marques..... 239</p> <p>Linguagem verbal, não verbal e mista..... 240</p> <p>Língua e variação linguística..... 241</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 242</p> <p>Adequação linguística..... 247</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 249</p> <p>Para dar mais um passo – Existem palavras proibidas?..... 252</p> <p>Leitura: “<i>Flatulências excessivas</i>”, de João Pereira Coutinho..... 252</p> <p>Você já viu isso antes – Homônimos e parônimos: equívocos comuns..... 254</p> <p>Leitura: charge de Pancho..... 254</p> <p>• Capítulo 18 – Língua falada e língua escrita..... 256</p> <p>Pra começar..... 257</p>	<p>passados, de Lula Buarque de Hollanda, e <i>Tã chovendo hambúrguer</i>, de Chris Miller e Phil Lord..... 326</p> <p>Você já viu isso antes – Algumas regras de grafia de substantivos abstratos..... 328</p> <p>Leitura: títulos de reportagem..... 328</p> <p>► UNIDADE 11 – Como se formam as palavras..... 330</p> <p>• Capítulo 22 – Morfemas e processos de formação de palavras..... 332</p> <p>Pra começar..... 333</p> <p>Leitura: tira <i>Mig & Meg</i>, de Mária d’Haese..... 333</p> <p>Tipos de morfema..... 333</p> <p>Radical..... 334</p> <p>Afixo..... 334</p> <p>Desinência..... 334</p> <p>Vogal temática..... 335</p> <p>Vogal e consoante de ligação..... 335</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 336</p> <p>Processos de formação de palavras..... 338</p> <p>Composição..... 339</p> <p>Derivação..... 340</p> <p>Abreviação ou redução..... 341</p> <p>Formação de siglas (siglificação)..... 342</p> <p>Onomatopéia..... 342</p> <p>Empréstimo lexical..... 343</p> <p>Neologismo..... 343</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 344</p> <p>Para dar mais um passo – Minúcias de sentido..... 346</p> <p>Leitura: resenha do filme <i>Interstellar</i>, de Christopher Nolan..... 347</p> <p>Você já viu isso antes – Uso do hífen..... 348</p> <p>Leitura: trecho de “<i>A história do hífen</i>”, de Gabriel Perissé..... 348</p>
<p>► UNIDADE 10 – Linguagem, comunicação e sentidos..... 278</p> <p>• Capítulo 19 – Fatores envolvidos na comunicação..... 280</p> <p>Pra começar..... 281</p> <p>Leitura: capa do jornal de esportes <i>Lance!</i>..... 281</p> <p>As funções da linguagem..... 282</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 283</p> <p>Outros fatores envolvidos na comunicação..... 286</p> <p>Intertextualidade..... 287</p> <p>Contexto..... 288</p> <p>Intencionalidade e informações implícitas..... 288</p> <p>Coesão e coerência textuais..... 289</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 289</p> <p>Para dar mais um passo – Um texto conversa com outro..... 292</p> <p>Leitura: “<i>Álvaro, me adiciona</i>”, de Gregório Duvivier..... 292</p> <p>Você já viu isso antes – A acentuação gráfica e os encontros vocálicos..... 293</p> <p>Leitura: “<i>Silêncio</i>”, de Eugen Gomringer..... 293</p> <p>• Capítulo 20 – Os vários sentidos de um texto..... 295</p> <p>Pra começar..... 296</p>	<p>• Capítulo 21 – Figuras de linguagem..... 312</p> <p>Pra começar..... 313</p> <p>Leitura: “<i>Poema</i>”, de Mario Quintana..... 313</p> <p>Figuras de linguagem I..... 314</p> <p>Metáfora e comparação..... 314</p> <p>Metonímia..... 315</p> <p>Catacrese..... 316</p> <p>Sinestesia..... 316</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 317</p> <p>Figuras de linguagem II..... 319</p> <p>Eufemismo..... 319</p> <p>Hipérbole..... 320</p> <p>Antítese e paradoxo..... 320</p> <p>Ironia..... 321</p> <p>Personificação ou prosopopeia..... 321</p> <p>Gradação..... 322</p> <p>Refletindo sobre a língua – Atividades..... 323</p> <p>Para dar mais um passo – As figuras de linguagem e o efeito de criatividade..... 326</p> <p>Leitura: sinopses dos filmes <i>Mãos talentosas – a história de Ben Carson</i>, de Thomas Carter, <i>As melhores coisas do mundo</i>, de Lász Bodanzky, <i>O vendedor de</i></p>

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016).

O foco de análise é a primeira unidade do conteúdo de linguagem, intitulado “Linguagem e Língua”. No sumário já é possível observar as páginas que são destinadas ao trabalho com a variação linguística. Como exposto na figura 10, vemos que são apenas três páginas designadas ao estudo reflexivo da língua e suas variações. A seguir serão apresentados recortes da seção destinada ao estudo da variação linguística.

Figura 9 – Língua e variação linguística

Língua e variação linguística

A **língua** é a forma como se realiza a linguagem verbal em uma comunidade social. É o principal mecanismo de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, sendo relevante não apenas nas relações diárias, mas igualmente nas atividades intelectuais, culturais e científicas.

É constituída por um grande conjunto de signos linguísticos, que transmitem determinados sentidos e que são **selecionados** e **combinados** para formar enunciados. A seleção dependerá do sentido que o falante deseja construir. Ele pode dizer, por exemplo, que um filme de muitas horas é “longo”, mas também pode afirmar que é “cansativo”, incluindo uma opinião sobre a experiência vivida. Já a combinação depende de regras gramaticais, como as relações de concordância verbal, por exemplo, que o falante vai adquirindo conforme aprende a usar a língua.

Por ser uma **atividade de interação** entre pessoas, é preciso analisar a língua em funcionamento, observando seu uso nas situações comunicativas. Em todas as línguas existem regras específicas para a organização e a combinação das palavras, as quais se alteram ao longo do tempo, conforme mudam os valores da comunidade linguística. Além disso, existem diferenças entre os falantes – locais onde vivem, idade, nível de escolaridade, entre outros – que também têm impacto na língua. Por esses fatores, dizemos que no interior de uma mesma língua existem várias línguas ou **variedades linguísticas**.

Uma das variações mais perceptíveis está relacionada às diferenças no uso da língua portuguesa nas diversas regiões do mundo. Particularidades lexicais e diferentes pronúncias são alguns dos aspectos que distinguem as variedades do português. Veja, no mapa a seguir, as regiões que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), também conhecida como Comunidade Lusófona, instituição organizada com a intenção de aproximar esses povos. Além desses países, duas outras regiões — Macau, na China, e Goa, na Índia — também têm comunidades falantes do português.

Há **variações linguísticas** em todas as línguas. Essas variações podem ser **históricas** (relativas a transformações da língua ao longo do tempo), **regionais** (determinadas por seu uso nas áreas geográficas em que ocorrem), **sociais** (advindas de particularidades dos falantes, como idade, profissão, escolaridade, classe social) e **situacionais** (ligadas a situações de uso, como tipo de ouvinte, assunto, local em que se dá a comunicação, etc.).

Goa e Macau ainda não se inseriram oficialmente na Comunidade Lusófona, por isso não aparecem no mapa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



Referência: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) – <www.cplp.org>.

A Guiné Equatorial foi aceita como membro da CPLP em 2014, três anos após sua Assembleia Nacional incluir o português como língua oficial, junto do francês e do espanhol. O país foi colônia portuguesa entre os séculos XV e XVIII, algumas das línguas crioulas têm base no português e existem conexões culturais entre ela e outros países da comunidade. Apesar disso, a aceitação provocou reações de alguns membros, que exigem o cumprimento de dois critérios: o respeito aos direitos civis e a promoção efetiva da língua portuguesa no território.

241

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 241).

Nessa parte, o livro didático apresenta a concepção de língua e como ela se organiza, logo é possível associar essa explicação com a perspectiva estruturalista de Ferdinand Saussure (1916), ao abordar a ideia dos signos linguísticos que estruturam a língua. Seguindo as informações, é apresentado a língua como fenômeno de comunicação e passível de variações, usando como exemplo de variedades linguísticas as variações regionais. Nessa parte é abordada no livro a variação lexical,

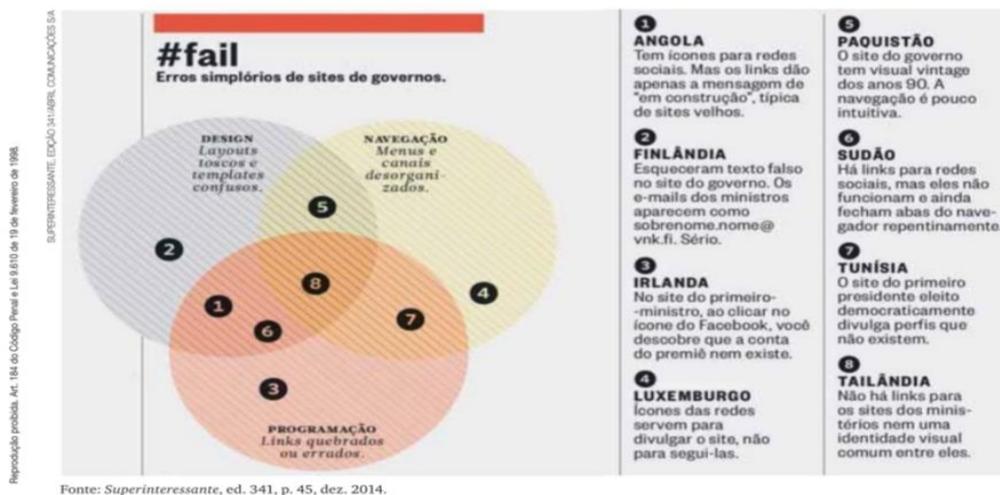
mas superficialmente, apenas para representar a variação regional. Por fim, é apresentado um mapa que mostra as regiões da comunidade de língua portuguesa.

Como o foco de ensino dessa seção do livro é a variação linguística, seria mais eficaz explicar a concepção de língua e comunicação, através de um estudo que aborde como surgiu a língua portuguesa e os aspectos linguísticos que deram origem a ela. Com essa explicação o professor conseguiria trabalhar a variação lexical da língua portuguesa e o seu percurso sociolinguístico como inerente a sua criação. Possibilitando assim um maior entendimento acerca do processo de variação linguística, visto que ele foi essencial para o surgimento da nossa língua e é essencial para a comunicação. Continuando a análise do Livro Didático, vejamos agora a figura 10.

Figura 10 – Variação e usos

As gírias substituem palavras formais da língua e pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os esquetistas ou os "funkeiros". Assim como as demais palavras, elas também sofrem a influência do tempo, e é bastante comum que deixem de ser usadas. Sua bisavó ou avó podem ter dito, em algum momento, que certo ator bonito era um "pão"; hoje, acharíamos graça se uma garota dissesse algo semelhante.

6 Leia um infográfico sobre sites produzidos por governos.



- Explique o uso das esferas para a comunicação de informações nesse infográfico. *As esferas representam três conjuntos: países com falhas em design, em navegação e em programação. As áreas de interseção indicam falhas em mais de um aspecto.*
- O texto emprega palavras específicas de que área do conhecimento? Exemplifique. *Da informática, como sites, layouts e templates.*
- Existem termos cujo sentido você não conheça? Se a resposta for afirmativa, mencione-os. *Resposta pessoal. É possível que sites ou links já estejam incorporados ao vocabulário da grande maioria dos alunos, o que talvez não seja o caso de templates e layouts.*
- O fato de muitas palavras pertencerem à mesma área do conhecimento pode favorecer a compreensão do significado dos termos desconhecidos? Explique sua resposta. *O fato de parte das palavras remeter à informática pode ajudar o leitor a levantar hipóteses sobre o sentido delas, mas é possível que algumas, mais específicas, não sejam compreendidas.*

O **jargão** é um conjunto de termos específicos utilizados por pessoas de um grupo profissional, como os técnicos em informática, ou por um grupo vinculado a uma prática específica, como os velejadores. O uso de jargão cria um discurso pouco compreensível para a maioria dos falantes e, por isso, deve ser moderado.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 245).

Esse recorte é utilizado para explicar a variação linguística, a partir do uso de gírias, fazendo uma comparação de adjetivos utilizados atualmente e outros utilizados no passado. Para enfatizar a explicação de escolhas lexicais, de acordo com as esferas comunicativas, é apresentado um infográfico que traz informações sobre sites produzidos por governos e por último é proposto uma atividade sobre o gênero apresentado.

Seria mais eficaz desenvolver uma atividade que colocasse os alunos em contato direto com as variações lexicais. Uma proposta seria pedir que os alunos fizessem uma entrevista com uma pessoa mais idosa e uma mais jovem e coletasse palavras que remetem ao mesmo sentido, mas, sendo diferentes. Essa atividade possibilitaria aos alunos um maior conhecimento, visando que o objeto de pesquisa seria o uso da língua de pessoas no seu cotidiano, sendo mais fácil compreender o objetivo de ensino, as variedades linguísticas, ao invés da utilização de um Infográfico com informações que, na maioria das vezes, são desconhecidas pelos alunos, causando um desinteresse no desenvolvimento da atividade e conseqüentemente no processo de aprendizagem.

No recorte a seguir, o livro didático apresenta uma explicação acerca dos usos das variações linguísticas de acordo com a exigência da sociedade. É também abordado que as variedades linguísticas não devem ser menosprezadas e que os falantes da língua portuguesa devem aprender em qual situação comunicativa deve utilizar cada variação. Vejamos:

Figura 11 – Usos das variações linguísticas

E O editor do livro optou por manter as palavras usadas pelo autor do relato. Que efeito ele obtém com o uso dessa variedade linguística?

O relato torna-se mais natural e real, aumentando a impressão de fidelidade.

A variedade linguística desse falante é bastante comum nas periferias das grandes cidades da região Sudeste, sendo usada principalmente por jovens. No entanto, mesmo aqueles que não participam desse grupo social compreendem o relato sem grande dificuldade. Isso acontece porque os falantes de uma língua não conhecem apenas uma de suas variedades; conhecem e empregam muitas delas, escolhendo a mais adequada para cada situação.

Toda forma de comunicação pela língua pressupõe o **processo de adequação**. O falante seleciona, dentro de seu repertório linguístico, as formas mais adequadas às finalidades específicas da comunicação em que está envolvido, considerando seus interlocutores, o assunto de que trata e o local em que se dá a comunicação.

Não há uma única língua correta, e, mesmo antes de se iniciarem os estudos formais da língua na escola, o falante já a utiliza com eficiência, interagindo com os outros falantes, compreendendo e sendo compreendido. O papel da escola é o de aprimorar esse uso, colocando o estudante em contato com os modos de escrever e de falar dos cidadãos que têm maior prestígio social. Esses modelos serão necessários para a continuidade da vida escolar, para o acesso a certas manifestações culturais, como a literatura, e para a comunicação em várias situações sociais e profissionais, sobretudo aquelas mais formais.

As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que vivem nas grandes cidades e têm maior escolaridade são chamadas **variedades urbanas de prestígio**. Elas são usadas em livros, revistas, produções acadêmicas, telejornais, discursos, entrevistas de emprego e outras situações semelhantes de comunicação. A expressão *variedades urbanas de prestígio* tem sido preferida à expressão *norma culta*, que sugere um uso uniforme da língua, embora ambas apareçam como sinônimas em alguns contextos.

Ainda que fundamentais para o acesso a certos universos, como o acadêmico, as variedades urbanas de prestígio não devem ser vistas como "a língua correta". Cada vez mais os falantes estão rejeitando o preconceito em relação à língua e à cultura de grupos que são menos privilegiados socialmente, como aqueles do meio rural ou aqueles menos escolarizados. Afinal, o **preconceito linguístico** revela um grave erro na compreensão do funcionamento da língua.

A maneira como uma língua é utilizada é uma das principais **marcas de identidade** de um grupo social, e não se deve acreditar que o uso de formas diferentes daquelas prestigiadas seja evidência de incapacidade ou de menos inteligência. Não obstante, deve-se garantir a todos o direito de ampliar seu conhecimento dos recursos da língua, tornando-os aptos a realizar todas as práticas que envolvem a linguagem.

A adequação linguística pressupõe a escolha de um nível de fala ou registro apropriados. O **nível formal** está relacionado a um comportamento linguístico mais refletido, em que se espera o respeito às formas escolhidas pelas variedades prestigiadas, já que se aplica a situações de maior formalidade. O **nível coloquial**, por sua vez, indica um comportamento mais distenso, inclinado a não seguir com rigor tais formas e a incluir expressões populares, gírias, etc. Os dois níveis não se colocam como polos opostos e isolados, mas como referências entre as quais se propõem as várias situações de comunicação, que podem se aproximar mais ou menos de um ou de outro.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2016, p. 248).

Biblioteca cultural

Leia entrevista com o professor Marcos Bagno sobre preconceito linguístico, concedida ao *Diário do Pará*: <diario.dopara.diarioonline.com.br/N-166694-ENTREVISTA++MARCOS+BAGNO++DOUTOR+EM+LINGUISTICA.html>.

Sabia?

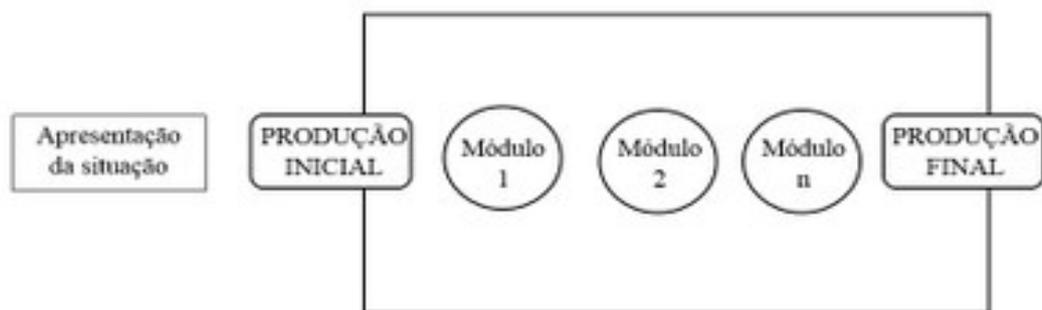
As gramáticas e os dicionários apresentam a **norma-padrão**, um modelo de uso da língua construído com base na análise de textos escritos de portugueses e brasileiros cultos, muitos deles autores de séculos ou décadas passadas. Esse modelo oferece uma visão homogênea da língua, porque praticamente desconsidera as variedades linguísticas. Por esse motivo, a norma-padrão é apenas uma referência, um ideal linguístico. Mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que são as que mais se aproximam dessa norma, abandonam ou modificam as regras que não lhes parecem adequadas às suas necessidades reais de comunicação.

O propósito dessa seção é explicar que não deve existir preconceito linguístico. Mas, o livro didático apresenta uma contrariedade de ideias ao abordar as variedades que devem ser aprendidas na escola como formas sociais de prestígio. O adjetivo *prestígio*, utilizado para se referir as variedades cultas, reforça a ideia de inferiorização da linguagem, já que está empregado para representar uma parte da sociedade.

Uma proposta de atividade que atenderia o objetivo de aprendizagem do livro didático é a utilização de gêneros discursivos que fazem parte da comunidade comunicativa dos alunos e que apresente as adaptações das variações linguísticas de acordo com a necessidade comunicativa a ser utilizada. Ressaltando a ideia de que as variações linguísticas são comuns e precisamos ter o conhecimento delas para podermos desenvolver habilidades comunicativas em qualquer esfera da comunicação, mas, todas são corretas.

Diante da perspectiva de uma proposta de atividade que desenvolva o trabalho da variação linguística pela perspectiva do léxico e pelo viés sociolinguístico, elaboramos uma sequência didática, desenvolvida em cinco módulos que irá abordar de forma mais eficiente o trabalho com a variação lexical da língua portuguesa, desde o seu surgimento até os dias atuais. Foi utilizado como estruturação para a elaboração da sequência didática, o modelo desenvolvido por Dolz, Noverraz e Scheeuwly (2004, p. 83):

Figura 12 - Esquema da sequência didática



Fonte: Imagem Google (2021)⁹.

Como proposto pelos autores, iniciamos com a abordagem sobre a importância do estudo da variedade lexical para os dias atuais. Despertando os alunos para as discussões e atividades que serão desenvolvidas durante os módulos da sequência didática.

⁹ Dolz, Noverraz e Scheeuwly (2004). Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-01-esquema-da-Sequencia-Didatica_fig1_316718641. Acesso em: 08 set. 2021.

4.1 Sequência didática

Título: O ensino da variação lexical como processo de desenvolvimento de uma língua.

Turma: 1º ano do ensino médio

Apresentação: A presente atividade de intervenção pedagógica foi desenvolvida com o objetivo de fazer com que os alunos expandam os seus conhecimentos a respeito da língua e de suas variedades lexicais desde os primórdios. Além de refletir sobre a variação lexical e sua presença nos dias atuais.

Tempo estimado: 10 horas/aulas.

Objetivo geral: Compreender a origem e evolução do léxico da língua portuguesa e entender as variedades linguísticas presentes nessa evolução.

Objetivos específicos:

- Investigar a origem da língua portuguesa;
- Entender o conceito de variação lexical;
- Analisar os empréstimos lexicais dos povos que antecederam a construção da língua portuguesa;
- Pesquisar variações lexicais, presente na comunidade de cada aluno, atendendo o critério de diferença de idade entre os pesquisados.

Conteúdos:

- Origem da língua portuguesa.
- Variação lexical
- Preconceito linguístico
- Pesquisa realizada pelos alunos.

Metodologia: A sequência didática deve ser realizada em cinco (5) módulos. As aulas devem ser expositivas, dialogadas e destinada a realização da pesquisa.

Recursos didáticos:

- Datashow (com acesso à internet);
- Mapas;
- Tabela com variações lexicais;
- Computadores.
- Redes sociais.

Avaliação: A avaliação será feita de forma gradativa, desde a interação nas aulas expositivas e dialogadas até a realização da pesquisa.

Módulo I: Apresentação do assunto- 1 hora/aula.

1. Nesse primeiro momento o professor mostrará aos alunos exemplos de variações lexicais, expostas principalmente nas redes sociais, e que na maioria das vezes sofrem preconceito linguístico. Com essa discussão o professor instigará o pensamento crítico dos alunos sobre o processo de variação lexical.

Módulo II: Explanação sobre a origem da língua portuguesa- 2 horas/aulas.

1. O professor iniciará a aula com a apresentação sobre a origem da língua portuguesa. Abordará a língua latina e seu processo evolutivo até chegar a originalização das línguas românicas, estabelecendo um diálogo com toda a turma.

Módulo III: Ensino sobre a variação linguística- 2 horas/aulas.

1. Nessa aula, será apresentado para os alunos o conceito de variação linguística, fazendo um levantamento do que eles já entendem sobre o assunto. O professor vai explicar o que é a variação linguística e quais as suas especificidades, mostrando que existem as variações sociais, educacionais, regionais e lexicais, sendo essa última influenciável pelos demais aspectos de variação.
2. Na aula seguinte, o professor irá estabelecer um diálogo entre o assunto da aula passada, referente à origem da língua portuguesa com o atual. Esse diálogo servirá de base para o entendimento dos alunos sobre a variação

lexical, pois percebe-se que desde o princípio a língua passa pelo processo de variação, já que ele é inerente à evolução.

Módulo IV: Direcionamento para a pesquisa- 1 hora/aula.

1. Nessa aula, o professor irá direcionar os alunos a realizarem uma pesquisa em que coletarão dados vocabulares de pessoas com uma diferença de idade de mais ou menos 40 anos. Depois de coletados os dados, os alunos irão fazer um quadro com as variações lexicais observadas durante a pesquisa.

Módulo V: Apresentação dos dados da pesquisa – 4 horas/aulas.

1. Os alunos irão fazer a explanação sobre a pesquisa realizada por cada um, em uma aula expositiva. No final das apresentações, o professor mediará um debate acerca das variedades lexicais observadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento e evolução da língua latina é de suma importância para que possamos compreender a construção da língua portuguesa, visto que foi através do processo evolutivo do latim é que as línguas neolatinas surgiram. O estudo de língua portuguesa, amparado na perspectiva evolutiva do latim, possibilita aos alunos e à sociedade em geral ter um maior entendimento sobre o processo de variação da língua, uma vez que, o português foi construído pelas variedades lexicais que ocorreram no percurso histórico de formação da língua portuguesa.

Ao realizar a análise do livro didático do 1º ano do ensino médio, ficou constatado que o estudo sobre a variação linguística, pelo viés lexical, ainda precisa ser mais desenvolvido e elaborado, a fim de atender as exigências dos documentos oficiais norteadores do ensino de língua portuguesa e também a necessidade evolutiva de comunicação social.

Nessa perspectiva, essa pesquisa propôs aliar o ensino da variação linguística com o processo sociolinguístico evolutivo da língua portuguesa, pelo viés lexical da língua, desenvolvendo uma atividade de intervenção que possibilite esse conhecimento e possa cessar com a ideia de “certo” e “errado” na língua, que ainda persiste nos dias atuais.

Desta forma, consideramos que a pesquisa proporcionará aos professores e futuros professores de língua portuguesa um material que irá ajudar no desenvolvimento de uma pedagogia que trabalhe de forma mais eficaz a variação linguística, através do léxico, pelo viés sociolinguístico em sala de aula, atendendo às necessidades comunicativas.

Essa pesquisa possibilitará uma reflexão para que os professores de língua portuguesa e alunos rompam com a concepção do que é considerado certo e errado na língua e comecem a enxergá-la como um processo evolutivo rico em variedades. Possibilitando ainda, um conhecimento da variação lexical que sempre esteve presente na sociedade, desde os primórdios, mas que não tínhamos um olhar tão atento para ela e a compreensão de que sem a variação não há língua viva. A pesquisa não descarta outras possibilidades de desenvolvimento de atividades que ampliem o trabalho com a variação lexical, pelo viés sociolinguístico no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina. **História da língua portuguesa**. Disponível em: < >. Acesso em: 13 jul. 2021.

Bagno, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

CARDOSO, Elis de Almeida. **A formação histórica do léxico da língua portuguesa**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br>.> Acesso: 16/07/2021

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; Basso, Renato Miguel. **História da língua**. Florianópolis: UFSC, 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. **Configuracionalidade em latim clássico e latim vulgar**. Campinas: Unicamp, 2002

NETO, Serafim da Silva. **História da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

KOCH, SILVA. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.